

[FERNANDO MARQUES PENTEADO]

É artista visual com trabalho em desenho, impressões e bordados, mestre em Artes Visuais/Têxteis pelo Goldsmiths College em Londres. Desenvolve produtos têxteis para os mercados do vestuário e da decoração. Colabora com educação e pós-graduação em artes, têxteis e moda, nacional e internacionalmente. É um cronista, um curador, um videomaker e um fotógrafo clandestino.

E-mail: ferpen@macbbs.com.br



Foto: Fernando Marques Penteado

se você quer se casar,
procure saber o que
isso quer dizer de fato



Foto: Fernando Marques Penteado

Essa curiosa citação-título aparece nos tecidos Kanga, fazendas populares de gaze de algodão que vestem mulheres de diferentes países da África Ocidental. Esses tecidos têm a forte tradição de trazerem impressos em seus desenhos frases e provérbios que expõem e comentam assuntos emocionalmente sensíveis e difíceis de serem gerenciados por palavras faladas, como casos extraconjugais, ciúme, rivalidades de uma segunda mulher... "Não quero ser amada superficialmente como o açúcar da cobertura de um bolo" e "não me ame avidamente para simplesmente deixar-me logo depois" são outros textos-provérbios populares que confrontam posições sociais daquelas nações e que mostram os eficazes usos culturais que se faz de uma inscrição que cobre um corpo; tais provérbios impressos passam a ser painéis ambulantes que operam a estratégia de revelar um discurso abafado e com essa atitude alterar a situação penosa que ali se estabelecia.

Os Akan, um subgrupo dos Anyi, também confeccionam "tecidos proverbiais": nesta comunicação tecida, contudo, o texto impresso não aparece na superfície material do pano, mas é o *nome dado ao seu padrão* que expõe o observador ao ambiente "maligno" ou a má conduta social que o pano procura criticar, ambientes e condutas que se fossem parar no boca a boca seriam considerados provocativos ou até mesmo inapropriados.

Este cenário de comentários culturais inscritos nos tecidos africanos me introduz à idéia de que o têxtil é, por excelência, um meio que provoca o indivíduo a *sentir-se a si próprio como alguém* que essencialmente é, que essencialmente *está* e que inalienavelmente *faz parte* deste nosso mundo, tanto material quanto culturalmente: um porta-voz valente de um vocabulário expandido de idéias e de vontades singulares. Deixo de lado a questão dos textos proverbiais, aos quais voltarei mais a frente, para me concentrar nas inscrições culturais têxteis sobre o padrão dos tecidos.

Padrões remontam à mais distante antiguidade por meio de sua aparência (tipicamente através da repetição) e constroem um prolífero *continuum* material ao se refazerem incessantemente até os dias de hoje; padrões são apósitos da memória, são veículos. No caso dos têxteis que vestem o corpo, o padrão ocupa posições casadas: o padrão é a *estrutura* do espaço tecido como um todo enquanto é simultaneamente a *superfície* que revela as marcas inscritas nesse material. É importante evidenciar que padrões, quer como estruturas, quer como superfícies de figuração, sempre navegaram indiferenciados por entre as nascentes das águas livres de nossas humanas inspirações, passando a se inscrever diariamente no magma material e cultural onde existimos e nos fazemos vivos: bebem dessas águas que não se represam tanto a pintura corporal karajá quanto os cartões do tear do jacquard, a cestaria ticuna, os *backgrounds* com motivos de atmosferas intergalácticas das cenografias realizadas pelas equipes de efeitos especiais de um filme comercial. Em uma so-

cidade saturada de imagens e técnico-explosiva como a sociedade contemporânea, padrões e padronagens adquiriram referências semânticas adicionais, via computador e via repetição de imagens, nas produções de massa e, significativamente, há hoje uma abrangente discussão teórico-crítica que fomenta um cruzamento de estudos culturais e que debate as construções das identidades, ambos cenários de diálogo onde o têxtil fez e faz ouvir sua voz tão prolixa. Os têxteis, seus padrões e inscrições, podem ocupar espaços de diálogo que recortam instâncias diferentes: o bordado de *uma* remota região do planeta, o trabalho de *um* artista que encontra no têxtil o refrator primário de sua existência e onde traduz a cultura contemporânea, o desenho das notações musicais de canções populares medievais entoadas tão exclusivamente quando certos padrões do tecido eram processados, as políticas de revitalização de comunidades que com o uso de determinadas roupas ou acessórios promovem o orgulho de seus ancestrais e o reforço étnico-identitário de seus membros e... mais e mais ainda.

A feira popular da madrugada

Na extremidade da Rua do Oriente, no Brás, em São Paulo, abre diariamente nas primeiras horas da madrugada uma colméia de bancas comerciais alinhadas em corredores paralelos que vendem, no atacado e no varejo, uma miríade de produtos de vestuário e de acessórios; um ponto-de-venda gigante que alimenta o Brasil inteiro de roupas populares de preço baixo. Nascida de um realocamento dos camelôs do Largo da Concórdia, realizado pela Prefeitura, chegar à Feira Popular da Madrugada é atravessar uma infinidade de ônibus inter-regionais e estaduais estacionados na frente de uma das inúmeras entradas desse labirinto de compras.

Depois de minha primeira investida pela área central da feira, a sucessão visual em forma de cascata de produtos populares similares fez com que se apoderasse de mim uma sensação estranha, reincidente, que sinalizava que eu não entendia mais se eu "já" tinha estado ali naquela ala DB, fileira 42/44 do eixo leste, ou "se alguma vez" eu havia saído do lugar onde me encontrava naquele instante. É hipercinético, é mágico, é uma *freezone* poliglota (espanhol, coreano, inglês, chinês, japonês, etc.), tem coxinha e pão de queijo de primeira, é inebriante (o horário contribui), tem jogo, vivifica as questões do original/reprodução, é bacana. Vá.

PS: não esquecer que do lado de fora, na Rua do Oriente, ela mesma, há três quarteirões completos de produtos *top* de linha de marcas importadas falsificadas. E importante: só até as 7 horas, quando a polícia desmobiliza os nossos matutinos trabalhadores/importadores. Ali a palavra de ordem é *cash*, ou seja, dinheiro em espécie, portanto esqueça seu cartão redeshop, pois ele não lhe valerá de nada. E, para sua informação, esse (= rua do Oriente + madrugada) é o espaço

de venda/área de trabalho mais caro que um camelô externo pode almejar na cidade, local onde negócios/business se dão "para valer".

A *Pro Wave Company* é de propriedade do sr. Jurandir e representada por ele na Feira Popular da Madrugada, bancas D-115/138//BA183/184: é uma empresa brasileira que fabrica majoritariamente *surfwear* masculino. Fotografei sua banca por ser uma das muitas de produtos que demonstram aquilo que julgo ser um produção cultural que age exatamente na contramão do que fazem as proverbiais peças africanas que abriam esta coluna. Uma sensação sombria sempre me assola e fico pasmado e com pena quando me deparo com esse exército de palavras-de-ordem-em-inglês que povoa as superfícies tecidas dos produtos dessas barracas que fotografei, palavras que, conseqüentemente, cobrem o corpo dos brasileiros. Essas palavras, tão alheias à vida da gente desta terra-aqui-onde-vivemos, nada, digo nada mesmo, a essa gente transfere ou incita: são palavras cadáveres que cobriram de areia a terra de nossas palavras, sepultando-as sob um deserto de imaginações. Essas palavras são meros ecos interculturais que ressoam ditames de um processo caduco, uma leitura de modas ultrapassadas que, desgraçadamente, oferecem para o nosso varejista popular o que há de mais contaminado e poluído que alguém pode ter para escolher e... não podendo ser de outra maneira... o que há de mais barato. Tudo em camisetas, bermudas, calças, biquínis e acessórios da maioria das marcas daquelas bancas é, a meu ver, excesso: excesso na informação (grande número de palavras "desconhecidas"), na composição (pastiche, superposição) e na técnica (confluência de até cinco tipos de impressão em uma só peça, como a flocagem, o silk-screen, o puff, o laminado, os transfers, os vitrilhos, etc., etc.). E fazendo minhas as proverbiais palavras populares, "ninguém merece".

Não quero soar romântico. Entendo, à luz do que diz Nikos Papastergiadis, que todas as formas de inovação e de troca produzem formas híbridas, formas que são generativas (em oposição a formas estereis), fazendo com que produtos culturais estejam sempre em processo de hibridização. Como conseqüência, a instabilidade que o híbrido gera não consegue ser incluída no mapa do conhecimento estabelecido (institucionalizado, historicizado) e faz do híbrido um registro vinculado a "distúrbio". Bem... assim pensando... eu deveria aceitar o distúrbio do híbrido... mas não consigo acalmar minha raiva ao ver co-ti-di-a-na-men-te essas composições esdrúxulas e pedantes (porque vazias de simbologias compartilhadas) por cima de um conjunto enorme de corpos, do adolescente ao indigente, na cidade onde vivo em meio a língua que falamos. No que é que pensa esta gente destas nossas terras, gente que exhibe uns tantos leões e outros tantos brasões engalanados de cortes estrangeiras, em vez de conhecer e de ostentar, por exemplo, segmentos do trabalho em tear manual de mestre Abdias e o seu pano da Costa de Salvador, ou quicá alguns extratos dos padrões dos azulejos de Athos Bulcão em Brasília, as padronagens de artistas



Fotos: Fernando Marques Penteado

como Barsotti e Willys de Castro elaborados para a Casa Rodhia em São Paulo, ou mesmo releituras do trabalho da artista plástica contemporânea mineira Lucia Koch? Enfim, onde estão nossos padrões? E se quiséssemos atravessar não muito longe nossas fronteiras, por que não promover o uso político das palavras em camisetas como faz o "taller popular de serigrafia" na Argentina, com suas inspiradoras intervenções culturais? Enfim, onde estão nossas palavras?

O teórico cultural Sarat Maharaj, alguém que em seu trabalho teórico e político faz frequentemente uso do têxtil, e em especial do tecido, como meio primário de conhecimento, troca e tradução cultural, diz que o uso que as modas e a indústria têxtil de hoje fazem de um *mix* de tecidos nas composições e nas peças de vestuário contemporâneo torna-se uma ferramenta que achata, como ao se passar a ferro, as diferenças culturais enquanto simultaneamente mascara suas posições e dificuldades por sob uma tendência de moda "global" e para dentro de uma lógica do que ele chama lógica da mesmice (*sameness*). Fico a seu lado. Não gosto de ver um monte de gente sendo levada a comprar (e revender) produtos quase idênticos, de fibras sintéticas (conhecidamente inibidoras da pele que respira) e, não faltasse mais nada, produtos cobertos por um excedente de simbolismo cultural neutro e espúrio (palavras em inglês) apresentados sob o verniz do "design" e da "moda". Abençoada é, assim, a posição proverbial de uma marca carioca, a Daspu, que nos retrata com sua camiseta, onde se vê escrito "ser brasileiro não é para principiante".

Outras palavras

Este texto está integralmente em débito e é elaborado dentro das minhas correspondências e conversas com as teóricas do têxtil Janis Jefferies e Victoria Mitchell; a elas meu voto de amizade eterna.



REFERÊNCIAS

MAHARAJ, Sarat. *Perfidious fidelity – the untranslatability of the other*. Global Visions (d. Jean Fisher), Kala Press, Institute of Visual Arts, London: 1994.

MITCHELL, Victoria. *Janis Jefferies – writing and artworks since 1980*. Norwich Gallery, Norwich School of Art and Design, 2000.

PAPASTERGIADIS, Nikos. *The turbulence of migration*. Polity Pres, in association with Blackwell Publishers, Oxford: 2000.